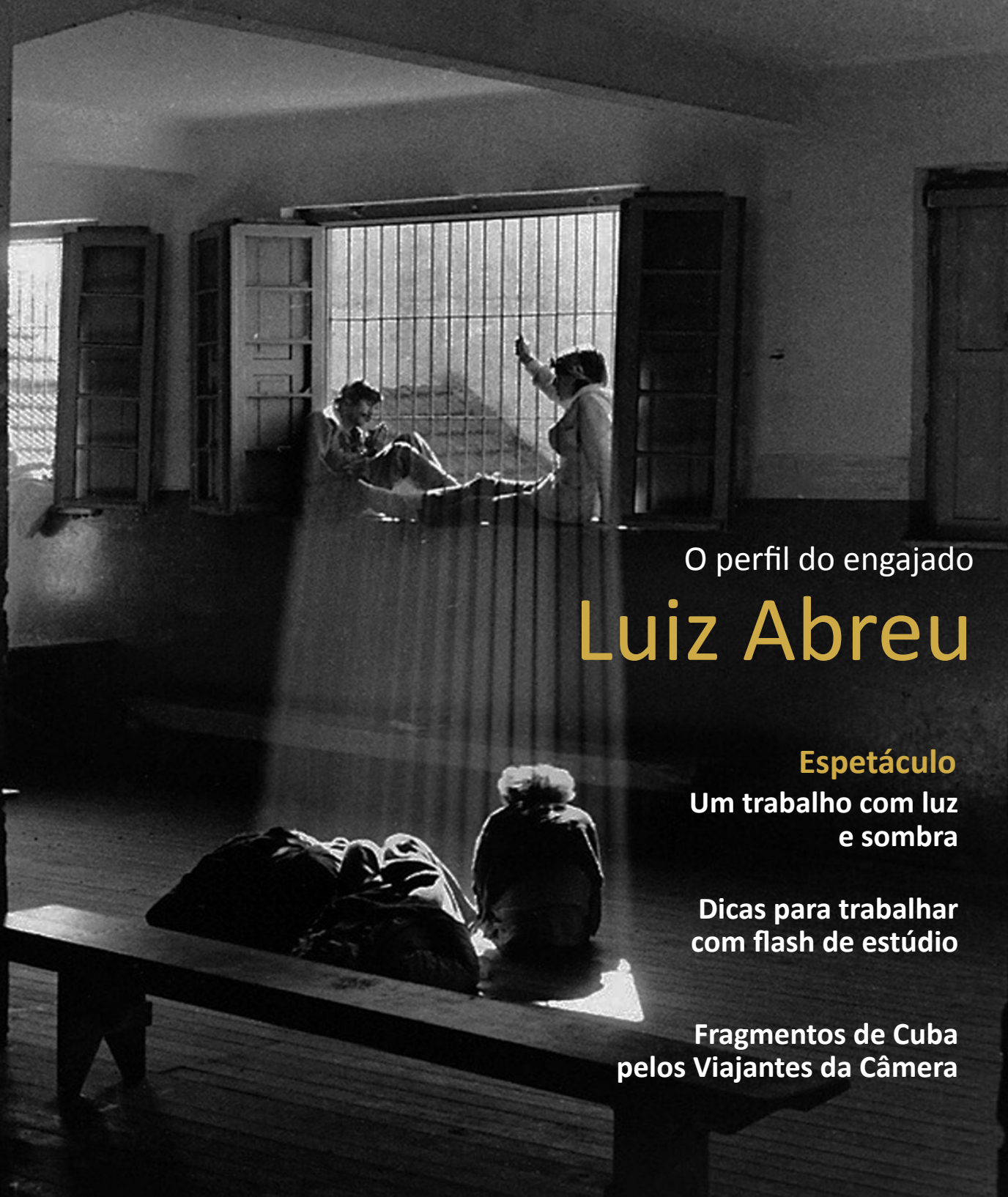


Viajantes da Câmera

A IMAGEM REVISTA

Edição 3 | Ano 1 | Outubro de 2012



O perfil do engajado

Luiz Abreu

Espetáculo

Um trabalho com luz
e sombra

Dicas para trabalhar
com flash de estúdio

Fragmentos de Cuba
pelos Viajantes da Câmera



Foto de Karla Nyland



Foto: Bruno Gomes

Karla Nyland, fotógrafa e psicóloga clínica formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC - RS). Pós-graduada em Psicanálise dos Vínculos pelo Instituto Contemporâneo de Psicanálise de Porto Alegre. Ministra oficinas nas áreas da arte, saúde e criatividade na Câmera Viajante e em empresas. Desenvolve projetos culturais, turísticos e socioambientais. Sócia fundadora da Câmera Viajante e apaixonada por fotografia desde os cinco anos, quando descobriu a magia da revelação fotográfica no laboratório de seu tio.



A terceira edição da revista Viajantes da Câmera - A Imagem Revista chega com um tom de comemoração. Completamos 13 anos da Câmera Viajante falando sobre LUZ e SOMBRA - alma da fotografia. E o nosso presente aos leitores é o belo trabalho de Luiz Abreu, um dos grandes profissionais do Rio Grande do Sul. Abreu leva nosso olhar direto à fotografia documental com característica social. A força da expressão da gente sem terra e sem lugar, a dor da loucura e a luz da esperança são marcas do trabalho fotográfico deste artista, pelo qual tenho muita admiração, um mestre!

Você também poderá acompanhar o trabalho de Fernanda Chemale, através de sua fotografia de espetáculos. A fotógrafa dá algumas dicas para captação em baixas luzes e principalmente a relevância da rede de contatos e relacionamento com artistas. Aliás, um dos aspectos mais importantes para todos os que pretendem ter uma boa carteira de clientes.

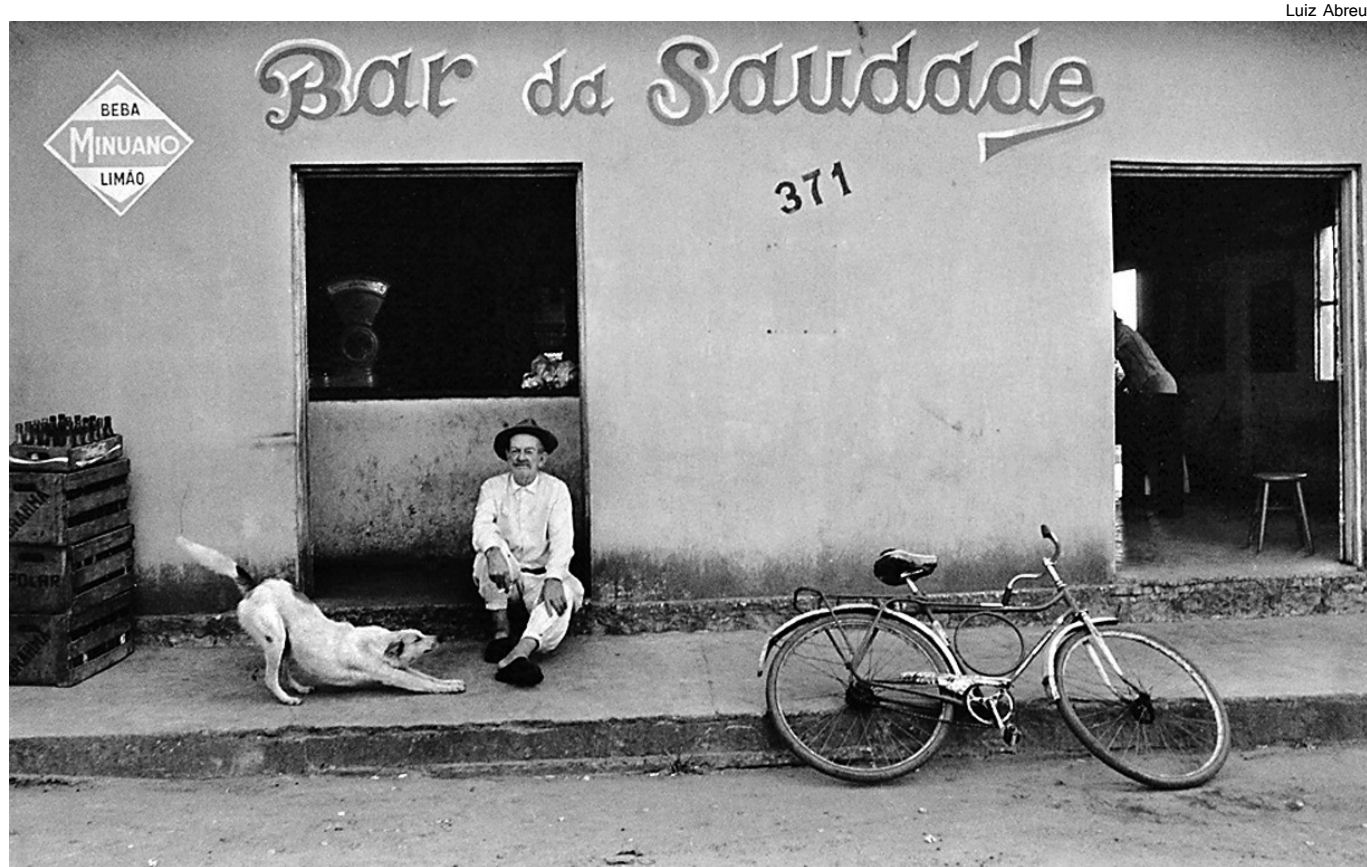
Na sessão de dicas do professor, o fotógrafo e diretor da Escola, Rogério do Amaral Ribeiro (RAR), que tem entre suas paixões o Curso em Iluminação de Estúdio, apresenta alternativas muito interessantes para usufruir dos flashes de estúdio de forma criativa. Afinal, uma boa iluminação abre possibilidades.

E para quem curte viajar, as imagens captadas pelos Viajantes da Câmera em Cuba, nas localidades de Havana, Santiago de Cuba e Varadero, são fragmentos de uma cultura e uma gente especial. Foram dias de muita risada, fotos, aventuras e conhecimento de um povo que, mesmo vivendo de forma bastante limitada, é especial e prima por estabelecer um relacionamento afável. Uma gente que mantém o que muitos já perderam: a capacidade de se colocar de forma inteira na relação com o outro. Como disse Indira, nossa amiga e guia cubanita, "vivemos numa ilha, sem muitas possibilidades de comunicação com o mundo e dificilmente viajamos. Então, a vinda do turista é a nossa novidade."

Desejamos a você uma boa leitura e boa viagem!

Karla Nyland

Karla Nyland
Coordenadora de Projetos



Luiz Abreu

8 - PERFIL
A preocupação social de Luiz Abreu



Fernanda Chemale

14 - REPORTAGEM ESPECIAL
Fotografia de espetáculo

- 06** - Dica do Professor - Faça-se a luz!
- 20** - Clic Legal - Direito Autoral e Direito de Imagem
- 32** - Viajante da Câmera - A criatividade em traços
- 34** - Arte e fotografia - Exposições movimentam a cidade
- 36** - Cinema - Imagens nos extremos
- 38** - Agenda - Confira os próximos cursos da escola



Paulo Mello

30 - VIAJANTES DA CÂMERA
Olhares, retratos e percepções de Cuba

Expediente

Publicação Câmera Viajante - Escola de Fotografia e Cinema
Diretores Karla Nyland, Gerson Turelly e Rogério do Amaral Ribeiro
Redação, diagramação e editoração Fernanda Nascimento - MTB 16317
Revisão Clareana Kunzler Ferreira - MTB 15917
Arte Tiemy Saito
Capa Luiz Abreu
Periodicidade Trimestral
Edição 03 / Outubro de 2012
Endereço Rua Pinheiro Machado, 259 - Independência - Porto Alegre
Telefone (51) 30120421
Site www.cameraviajante.com.br
E-mail viajante@cameraviajante.com.br

Faça-se a luz!

Por Rogério do Amaral Ribeiro

Ao perceber uma imagem interessante, o fotógrafo dispara o obturador. E, naquela fração de segundo, naquele instante escolhido, enviamos uma ordem ao flash: faça a luz. O relâmpago então ilumina intensamente o modelo. O espelho da câmera levanta e esconde a imagem em captura. Como ficou? Vamos dar uma olhada! A luz é dura? Cria sombras fortes e bem delineadas? Sim, é uma luz direta como se fosse um farol de carro ou luz forte de uma lanterna no rosto da pessoa, e o fundo ficou escuro. Essa é a luz que popularmente lembra-se no disparo de um flash. Ela é bem diferente da iluminação que se diz natural. Ali há uma luz forçada e artificial.

Mas nem toda iluminação de flash precisa ser assim. Esse pacote de luz intensa pode tornar-se invisível na sua artificialidade e produzir uma iluminação significativamente bela. Esse é o desafio do fotógrafo. O flash não é um vilão, mas sim o mocinho que vem salvar-nos das trevas, da escuridão. Portanto, devemos aprender a domá-lo para que ele possa nos ser útil e imperceptível para aquele que aprecia a nossa foto.

Há vários equipamentos e acessórios que podem modificar e qualificar a luz intensa desse pacote eletrônico. Quando se usa apenas o flash embutido na câmera, pouco se pode fazer para qualificar essa luz. No en-



Foto Jaqueline Oliveira / Modelo : Camila Dal-Ri Brugnera

Em estúdio, é possível dominar a técnica de utilização de flashes com maior precisão

Foto Rony Petry / Modelo: Mariel Motta



O estúdio básico completo possui quatro tochas, mas é possível fazer retratos, book e moda com apenas uma tocha de flash e um rebatedor

tanto, quando podemos deslocar esse flash para longe da câmera através de cabos ou radioflash, ou mesmo modificar apenas a direção da luz do flash para refletir no teto ou na parede branca, então já temos outro tipo de iluminação. Assim, temos uma iluminação mais qualificada e, se tivermos cuidado, a luz do flash vai iluminar bem e aquela artificialidade irá desaparecer.

Quando trabalhamos em estúdio, tendo-se o mínimo necessário de tochas para fotografarmos nossos modelos, conseguimos domar por completo os flashes, que nos ofere-

cem uma infinidade de maneiras para iluminar. No estúdio optamos pelas melhores condições na captura de imagens, pois podemos usar o ISO menor, como o ISO 100 que possui o menor ruído e melhor qualidade de imagem. Usando velocidades do obturador médias, como as 1/100s, 1/125s ou 1/200s conseguimos congelar o momento de um cabelo esvoaçante ou de um salto no ar.

O estúdio básico completo possui quatro tochas, sendo uma da luz principal (softbox ou hazy light), outra como luz secundária de preenchimento (sombriinha refletida), a de

contraluz ou de cabelo (snut) e, por fim, a da luz de fundo (snut). Entretanto, se não tivermos essas quatro tochas, pode-se fazer retratos, book e moda com apenas uma tocha de flash e rebatedor, ou ainda com duas tochas, sendo uma principal, a outra para a luz de cabelo ou para o fundo, e sempre um rebatedor para aliviar as sombras profundas.

A iluminação de flash é a luz exclusiva da fotografia, portátil, fácil de transportar, com a lâmpada de xênon, mais eficiente do que qualquer outra fonte de luz e com a temperatura de cor semelhante à luz do dia.



Fotos Luiz Abreu

Fotografia: militância social

Por Fernanda Nascimento

Há mais de trinta anos, Luiz Abreu encontrou na fotografia o instrumento de testemunho de seu tempo e das contradições econômicas e sociais que permeiam a sociedade. O olhar crítico se reflete na trajetória de trabalho, que desenvolveu paralelamente como fotojornalista e fotodocumentarista, retratando fragmentos da realidade de setores excluídos e invisíveis socialmente, como os anônimos moradores de rua e os trabalhadores do campo na luta pelo direito a terra.

Abreu é gaúcho de Santiago, na fronteira do Estado. A vinda para Porto Alegre foi o caminho natural dele e dos irmãos em busca de formação profissional. Na Capital, o início dos anos 1970 era marcado pela repressão da ditadura militar e a organização de diversos setores na luta pela democracia.

Neste espaço de efervescência, ele e o irmão Neltair Abreu, o conhecido cartunista Santiago, começaram a traçar o caminho da crítica social através da arte. Uma inquietude com as diferenças sociais que vem de família. “Deve vir dos espanhóis. Meu avô era um anarquista, irreverente”, conta Luiz Abreu.

Em Porto Alegre, passou pelos bancos escolares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) em três cursos. Abandonou Química, Belas Artes e Jornalismo. Fez curso no Foto-Cine Clube Gaúcho e aprendeu os primeiros ensinamentos sobre fotografia.

“Comecei a fotografar os moradores de rua da Cidade Baixa. Demorei, é preciso o tempo para conhecimento, para aceitação deles”, explica. Com o material e o primeiro portfólio foi contratado pela Folha da Manhã, jornal que fala com carinho e admiração. “Foi a única vez em que o

Ao longo dos mais de 30 anos de trabalho, Luiz Abreu tem registrado a vida dos moradores de rua de Porto Alegre em diversas situações

jornalismo do Rio Grande do Sul foi referência nacional”.

Em 1974, quando parte da equipe saiu do jornal para participar da fundação da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, Abreu ficou. Mas não por muito tempo. Um ano mais tarde estava junto aos ex-colegas. “Era uma alternativa, na grande imprensa a gente era muito pautado, poucas matérias importantes”, destaca.

Santa Soja

A cooperativa ficou conhecida pelo periódico Coojornal, um dos mais importantes nos tempos de ditadura. Os mais de 100 profissionais associados empenhavam-se na prestação de serviços para diversos ramos, como informativos sindicais e de associações. Em um destes trabalhos, na

revista Agricultura e Cooperativismo, Luiz Abreu envolveu-se de forma significativa. A publicação era vinculada às cooperativas de produção agrícola e destinada a manter uma interlocução entre agricultores e técnicos agrícolas.

O cenário encontrado por Luiz Abreu era de otimismo em relação a monocultura da soja. Segundo dados da Embrapa, no Rio Grande do Sul dos anos 1960 a política de subsídios ao trigo multiplicou em cinco vezes o número da produção na região. Na década seguinte, a soja se consolidou como principal cultura do agronegócio brasileiro, em decorrência do uso das novas tecnologias, que aumentaram a produtividade.

Entre as motivações para a expan-

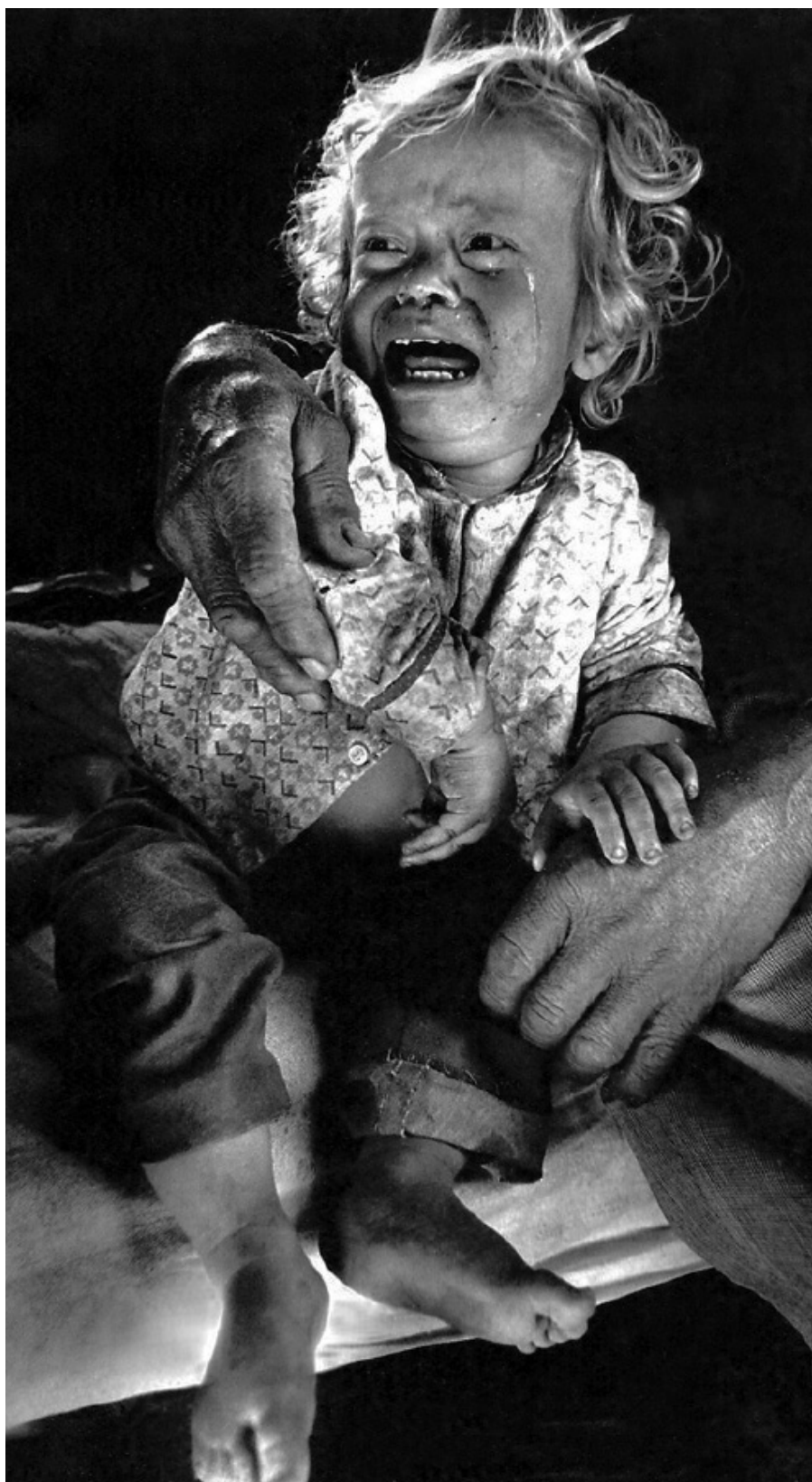
são estão os incentivos fiscais disponibilizados aos produtores de trigo, a conjuntura do mercado internacional em alta – como a quebra da safra de grãos na Rússia e China – e o surgimento de um sistema cooperativista que apoiou a produção e industrialização.

Entretanto, no início dos anos 1980, houve um deslocamento da produtividade para o Centro-Oeste, que era responsável por apenas 2% da produção nacional e três décadas depois passaria a produzir 60%. A construção de Brasília e o desenvolvimento da região tornaram-na mais atrativa para os produtores. O custo mais baixo da terra, os incentivos governamentais e o clima favorável atraíram parte dos agricultores da região



Acima, imagens do abandono do pampa na banda ocidental. Ao lado, o cotidiano da vida nos antigos manicômios do Estado





Sul e paulatinamente sufocaram os pequenos produtores.

“Aquilo era um falso enriquecimento. Os colonos se endividaram e depois, sem ter saída, começaram a evasão do campo, em uma das origens ao que seria o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra”, conta Abreu.

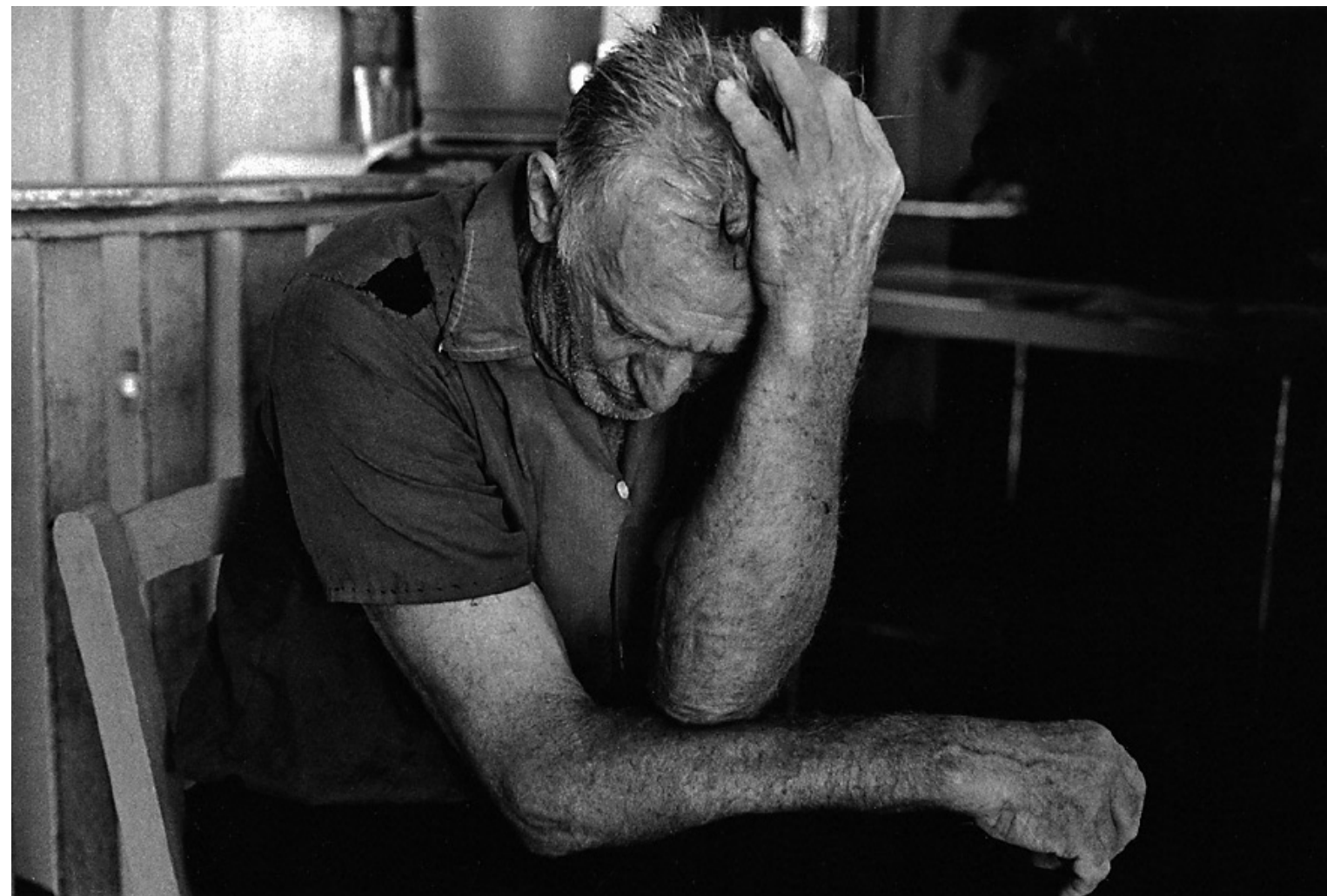
A produção da soja havia adquirido tamanha importância para os pequenos agricultores que se tornou tema de oração. E o dia-a-dia da “Santa Soja” dos colonos foi captado por Luiz Abreu e pelos colegas Jacqueline Joner, Eneida Serrano e Genaro Joner e virou livro, publicado quando o grupo fundou a agência Ponto de Vista. A empresa foi responsável ainda por outra publicação de nome homônimo.

Nos anos 1980, Abreu trabalhou como freelancer para diversos jornais e revistas, como IstoÉ, Manchete, Visão, Zero Hora, Jornal do Brasil e Folha de São Paulo. Na sucursal do jornal O Globo, em Porto Alegre, acompanhou novamente os trabalhadores rurais, desta vez na luta pelo direito a terra e moradia. “Documentei muito o Movimento Sem Terra, a revolta, a reivindicação, a criação de fatos em busca de visibilidade”, relembra.

Em 1998, o militante de esquerda que acompanhou movimentos sociais e sindicais foi integrar o primeiro governo petista a frente do Estado. Luiz Abreu integrou a equipe de comunicação de Olívio Dutra. “Sempre fui resistente a trabalhar com governo, mas aquele momento era histórico e a fotografia podia ter um bom papel e foi sim um grande trabalho”, relata. “Era um governo que trabalhava para os setores renegados. Mas foi um governo muito maltratado pela mídia, em meio a guerra política, um governo que peitou e pagou o preço por isso.

Houve essa coragem e se conseguiu alguns avanços”.

Após sair do governo, Abreu fundou a agência Documental e começou a desenvolver projetos pessoais, como o Banda Oriental, financiado por um concurso promovido pela Casa de Cultura Mario Quintana, em 2004. As imagens mostram a região do Uruguai próximo a fronteira com o Brasil, onde as semelhanças entre os dois países são profundas e se misturam entre os limites territoriais. “É um pampa deserto, do latifúndio decadente, usado para a criação extensiva de gado e com áreas muito desocupadas”, conta.



A desigualdade social que assola a vida de pessoas em todas as idades é fonte de trabalho para Abreu. A pobreza e desesperança dos trabalhadores do campo estão em parte de seu trabalho

O envolvimento com projetos sociais o levou ao trabalho que desenvolve no jornal Boca de Rua. Hoje, ele acompanha e orienta os moradores de rua em suas pautas. “Tu se surpreende com o que eles são capazes de fazer, de mostrar. Estou ajudando-os a se tornarem mais visíveis. A fotografia tem esse poder de visibilidade”.

O fotodocumentarista há décadas faz aquilo que acredita ser o propósito da fotografia. “O testemunho pessoal da tua época, do mundo que te envolve, com a perspectiva do ser humano no centro de tudo”, conclui.

Luz para o espetáculo

Com a fotógrafa Fernanda Chemale



Espaço de conflito Off - 2006



O trabalho com espetáculos requer capacidade técnica e conhecimento para escolher objetivas adequadas. Acima imagens do ato Circulação Defalla

Por Fernanda Nascimento

Acompanhar e captar imagens de espetáculos e shows é o sonho de muitos fotógrafos iniciantes, apaixonados por cultura. Entretanto, o registro de eventos desta natureza requer experiência e, principalmente, conhecimento técnico aliado a equipamentos adequados para trabalhar com uma iluminação que, em grande parte dos momentos, é artificial. Nesta reportagem, a Câmera Viajante - A Imagem Revista entrevista Fernanda Chemale, especialista em fotografia de espetáculos.

A fotógrafa iniciou o trabalho com eventos em 1987. A primeira exposição aconteceu três anos mais tarde. "Rock, luz e velocidade" mostrou o cenário das bandas gaúchas sob as lentes de Chemale. "Gosto muito de fotografar mú-

sica", destaca. A paixão inspirou outras fotografias e novas exposições como "Os filhos do rock" e "Tri Rock", apresentadas no Brasil e em outros países da América Latina, além de espaços no continente europeu. "Para ser reconhecido aqui, infelizmente, ainda é preciso ter feito sucesso lá fora", reitera a fotógrafa.

Outras expressões culturais também passaram pelas objetivas de Chemale. Peças teatrais, esquetes e orquestras fazem parte dos registros em 25 anos de trabalho. "Fotografo cada um deles dependendo do cotidiano. Em determinados tempos mais coisas, mais música, noutros mais peças de teatro, depende do momento profissional, das oportunidades que vão aparecendo", reflete.

A experiência a levou ao ensino. Desde 2005, ela leciona na Câmera Viajante - Escola de Fotografia e Cinema

Espectáculo Kagemi
SankaiJuku, integrante
do Porto Alegre em
Cena



o curso regular de Fotografia de Espetáculo. De acordo com a fotógrafa, a principal dificuldade dos alunos se dá no uso da luz. “São baixas luzes. É preciso ter um equipamento mais potente, lente luminosa e uma câmera com recursos manuais, claro”.

Ela acredita que o mercado cultural está sempre aberto à inserção de novos fotógrafos, mas o grande problema diz respeito a própria cultura: a falta de recursos. “Sempre precisa de registro, documentação. Isso se torna fonte de memória. Mas a dificuldade

da cultura é o dinheiro para a contratação de profissional especializado”, avalia. E dá uma dica aos interessados em ingressar no ramo. “Além da boa técnica e equipamento, um grande diferencial é o relacionamento com os artistas”, aponta.



Acima, a imagem de Hotel Fuck, que está na série “Espaço de Conflito”, que será inaugurada em novembro, no Teatro Solís, em Montevideu. A fotografia foi realizada em um ambiente de espetáculo muito diferente, a iluminação da cena é estroboscópica - cuja realidade é estonteante, pois a luz acende e apaga o tempo todo. A opção de Chemale foi o obturador B, que permite expor ao mesmo tempo em que segura-se o disparador. “Esperei a cena acontecer fazendo várias fotos desta sequência de luta. O resultado da captura vem na sorte dos acontecimentos, porém a escolha da foto é determinante”, afirma.

La Divina -
Bino Sauitzvy
do Porto Alegre
em Cena



Direito Autoral X Direito de Imagem

Aspectos das relações entre fotógrafo e fotografado

Por Eduardo Scaravaglione

Sabemos que quase todas as atividades são regidas por leis ou códigos de ética. Com os fotógrafos, a situação não poderia ser diferente. Embora a profissão não seja oficialmente regulamentada, os profissionais da fotografia estão sujeitos a questões ligadas ao direito autoral, direito de imagem, bem como sujeitos a relações que envolvem as normas do Código de Defesa do Consumidor.

O nosso foco aqui será a relação existente entre o direito autoral e o direito de imagem. Em um singelo exemplo, podemos ver a relação existente entre os dois conceitos: um fotógrafo, caso queira publicar a(s) foto(s) que tirou em um casamento, precisa da autorização dos recém-casados para não ferir o direito de imagem deles. No mesmo exemplo, se o casal quiser ceder a foto para publicação em algum local (coluna social, por exemplo), deve informar o nome do fotógrafo para que a este seja dado o crédito da obra.

Quando o fotógrafo se depara com a imagem da pessoa retratada, surgem alguns direitos e conceitos jurídicos que não são protegidos pelo direito autoral, mas que guardam uma estreita relação com o mesmo – é o chamado direito de imagem.

O direito de imagem está previsto no art. 5º, X, da Constituição Federal, que determina serem invioláveis “a intimidade, a vida



Foto Luciana Paranhos / Modelo Pâmela Spessato

Em uma obra fotográfica devemos distinguir o direito do autor e o direito do fotografado

privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito de indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. É um dos direitos da personalidade, intransmissível e irrenunciável. Também, o nosso Código Civil, em seu artigo 20, nos diz que “(...) a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa, sem a devida autorização, poderão ser proibidas a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que lhe couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade ou se destinarem a fins comerciais.”

Por sua vez, o artigo 79 da Lei de Direitos Autorais, Lei nº 9610/98, nos informa que o “autor de obra fotográfica tem direito a reproduzi-la e colocá-la à venda, observadas as restrições à exposi-

ção, reprodução e venda de retratos, e sem prejuízo dos direitos de autor sobre a obra fotografada, se de artes plásticas protegidas.”

Assim, em uma obra fotográfica, quando fotografamos alguém, sempre teremos que distinguir o direito do autor (fotógrafo) e o direito do fotografado. Dessa forma, o direito a imagem pode ser traduzido como a faculdade do titular permitir ou não a reprodução, exposição ou divulgação de sua imagem.

Esse cuidado que temos que ter quando nos depararmos com a imagem de um terceiro é decorrente das disposições normativas acima relacionadas e da interpretação dada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) ao inciso X, do art. 5º da Constituição Federal. Segundo o STF, o uso não autorizado da

imagem do indivíduo, com ou sem finalidade econômica, gera, por si só, de regra, dano moral. Assim, é importante saber que a Constituição Federal não exige a ocorrência de ofensa à honra, à reputação, ou ao bom nome daquele que teve a imagem veiculada. Basta que essa publicação tenha ocorrido sem sua autorização, pois sua intimidade e imagem restaram usurpadas com esse simples ato. Ainda, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) editou a Súmula 403, que diz: “independe de prova do prejuízo a indenização pela publicação não autorizada de imagem de pessoa com fins econômicos ou comerciais.” Aqui, apenas uma pequena digressão: um dos processos que foram base para a edição da Súmula 403 foi o da atriz Maitê Proença, em 2000, quando o STJ, pela sua Terceira Turma, concedeu o direito a ela de receber indenização por dano moral do jornal carioca Tribuna da Imprensa, devido à publicação não autorizada de uma foto extraída de ensaio fotográfico feito para a revista Playboy, em julho de 1996.

A regra então é a de que a captação da imagem pode efetivar-se em quaisquer locais, públicos ou privados e nestes, sempre que houver destaque de uma pessoa ou de algum aspecto seu, a ima-

gem não poderá ser usada sem anuência do interessado. Quando falamos “de algum aspecto seu”, devemos entender que não apenas o semblante, a face, mas todas as partes do corpo (identificáveis) são compreendidas como imagem e, assim, devidamente protegidas.

Ainda, a autorização para utilização de direito de cunho pessoalíssimo não pode ser presumida, mas deve ser feita, no caso de uso da imagem, por meio de expressão formalizada através da Licença do Uso da Imagem – a chamada LUI. A imagem cedida para uma finalidade, a ela deve se restringir. Podemos sempre fazer as seguintes perguntas, quando tratarmos da utilização da imagem de alguma pessoa: para que? Para quem? Por quanto tempo? Para onde? As respostas a essas indagações são um bom material para que possamos elaborar uma LUI sem correr o risco de uma demanda judicial.

Mesmo assim, com toda a regra descrita acima, o direito à imagem comporta limitações. São exceções à regra. Distinções que devem ser feitas em nome do “interesse público” e não do “interesse do público”. Essa análise pode servir para delimitar onde termina a esfera pública e onde começa a esfera privada da vida das pessoas. Assim, o direi-

to à imagem sofre, como todos os direitos privados, certas limitações, quais sejam: a notoriedade da pessoa (o consentimento é pressuposto, salvaguardando sua vida íntima), o exercício de cargo público, os serviços de justiça e de polícia, a existência de fins científicos, didáticos ou culturais, a repercussão referente a fatos, acontecimentos ou cerimônias de interesse público. A imprensa pode divulgar a foto do presidente da República em algum ato decorrente do cargo, mas essa foto não pode ser utilizada para fins comerciais. Um desfile, uma parada militar, um comício, uma manifestação grevista, etc, são “fotos de grupo”. Nela, várias pessoas podem ser identificadas. Enquanto se tratar de informação – interesse público – a divulgação da imagem é livre (salvo se atentar contra a honra do fotografado). Assim, as exceções do direito de imagem ocorrem quando o objetivo da fixação da imagem não era o indivíduo em si e sim o contexto, a informação, o interesse público.

Tem dúvidas ou sugestões?
viajante@cameraviajante.com.br

sensu
CONSULTORIA JURÍDICA

Criatividade em traços

Imagens Lipe Albuquerque

A Viajantes da Câmera - A Imagem Revista abre espaço para o artista e aluno da escola Lipe Albuquerque. Artista plástico, cartunista e fotógrafo, Lipe é formado em Design Gráfico pela Uniritter e especialista em fotografia de moda. Os primeiros trabalhos gráficos surgiram ainda aos 3 anos de idade e, de lá para cá, ele vem aperfeiçoando suas técnicas. Atualmente cria projetos autorais de fotografia feminina e produz fotos para a revista SulSports e o jornal Zero Hora.

Em 2012, realizou a exposição "Lipe Albuquerque - Os desenhos do arco da velha", com desenhos e ilustrações produzidas entre 2004 e 2012. O trabalho foi exposto em quatro locais: Casa de Cultura Mario Quintana, Galeria Arthemis, Centro Cultural Ordovas Filho (Caxias do Sul), FIERGS - SESI (Caxias do Sul). Em outubro e novembro ele passará por França, Holanda e Alemanha, apresentando os trabalhos nas ruas das capitais europeias e produzindo intervenções artísticas nos principais pontos das cidades.

O trabalho exibido nestas páginas é fruto de sua mais recente intervenção. O projeto autoral de moda foi realizado com duas modelos representando lutadoras de boxe tailandês e inclui personagens animados interagindo com elas. A ideia foi inspirada no filme "Cilada para Roger Rabbit", de 1988, onde personagens de desenho animado interagem com humanos. A técnica é manual: papel, lápis, estilete e cola são os objetos de trabalho de Lipe, que dispensa o uso de tablets ou softwares complicados na produção de suas ilustrações.



O projeto autoral de moda foi inspirado no filme Cilada para Roger Rabbit de Robert Zemeckis



As imagens foram produzidas com técnica manual: desenhos feitos à lápis foram recortados e colados nas fotografias

Adriane Feijó



Cuba que nos encanta

Fotos, textos e impressões dos Viajantes na América Central

Depoimento de Lidia Fabricio

“Quando me pediram para escrever sobre Cuba, relutei: estive ali por apenas dez dias. Foi uma experiência densa e intensa, mas muito breve e passageira para permitir sintetizar tudo o que compõe um lugar. Terra, povo, cultura, arquitetura, paisagem, sons, cheiros, história

e, com ela, a Revolução, presente a cada passo. Dez dias é uma passada de olhos para tão imenso universo. Ademais, não se pode falar de Cuba sem considerar as implicações políticas e econômicas que a fizeram ser o que é. Não é o objetivo abordá-las aqui, mas tudo o que se vê e se sente em Cuba é fruto dos erros e acertos da Revolução, das disputas da guerra

fria e do criminoso embargo econômico imposto pelos donos do mundo aos cubanos.

Sabemos que o regime cubano agoniza. Desde os anos 1990, quando caiu o grande muro, eu desejei ir a Cuba e ver com os meus olhos – antes que acabasse – o que restou do sonho da minha geração. Vivi num tempo em que o pôster do Che tinha

lugar de destaque na parede do quarto de quase todos os jovens do mundo, e tudo o que se dissesse contra o regime cubano era propaganda yankee. Mesmo com todas as denúncias dos blogs cubanos expondo a penúria e a falta de liberdades individuais, meu idealismo renitente tinha esperança de ainda encontrar um povo orgulhoso de sua Revolução. Não foi o que aconteceu. O povo está cansado, refém de um cruel isolamento econômico e de uma dura ditadura de esquerda. Potentes vibrações de uma revolta subterrânea, vulcânica, represada no sofrimento e na privação, me dizem que os cubanos não estão mais dispostos ao sacrifício.

Cuba é de uma beleza desconcertante, cheia de situações surpreendentes e de contradições inesperadas. Podes encontrar uma menina de 15 anos tocando violino num boteco de esquina, ou um grupo de crianças ensaiando balé clássico num dos muitos centros culturais instalados em prédios aos pedaços, e, logo mais adiante, uma mãe com um filho nos braços te implorando que entres num mercado e lhes compre um litro de leite. Perplexidade: mendicância em Cuba. E, a medida que se avança por Habana Vieja, penetrando em suas ruelas, os pedidos se multiplicam. Mais adiante, um universitário pode te convidar para conhecer o melhor caldo de cana que já provaste e, na hora de se despedir, te pede ajuda para comprar um pen-drive. E faz isso com dignidade. Ou duas moças se convidam para sentar na tua mesa e logo estás pagando mojito, almoço, remédio para a asma... São irresistíveis. Elegantes e sedutores na abordagem, sua companhia inteligente e calorosa vale cada mojito que se pague. Desfrutar de sua simples presença é uma

lição de como se viver com pouco, é um soco no estômago do abominável desperdício de recursos em que vivemos.

O povo cubano é sofrido, forte, forjado na privação, mas é também majestoso, digno, tem uma fidalguia nata, é alegre, musical, bonito, educado e muito solidário. São articulados, cultos, adoram conversar e “baixam a lenha” no Raul e no Fidel. De todos com quem conversei, apenas um motorista de táxi não o fez. Muitos não têm dentes (mais perplexidade: sinal de sistema de saúde precário). Esperam a ajuda dos turistas. Sonham em viajar. Querem conhecer o Brasil. Querem ter internet, conectar-se com o mundo. Querem comer chocolates. Querem morar melhor. Querem ter seu próprio negócio.

A respeito disso, um dos lugares mais significativos para mim nessa viagem foi o Paladar La Guarida, um restaurante familiar instalado no último piso de um edifício carcomido pelo tempo, mas ainda imponente e majestoso, onde se apinham várias famílias nos andares inferiores. Nos últimos anos, Raul começou a conceder permissão para pequenas iniciativas privadas, e é por isso que hoje se pode passear nos carrões dos anos cinquenta, hospedar-se nas casas dos cubanos, ou almoçar em restaurantes familiares, chamados paladares. Tudo isso era proibido até pouco tempo. Encantou-me o esmero e a fidalguia com que fomos atendidos no La Guarida. A alegria em tocar o próprio negócio vibrava no ambiente. No bar, na cozinha, aberta aos visitantes, na decoração esmerada, na gentileza do atendimento, nos pratos impecáveis e, supremo detalhe, no papel higiênico à disposição no banheiro. Estando em Cuba, devemos valorizar

isso, pois papel higiênico é um artigo de luxo que a maioria dos cubanos não pode ter. Esses novos empreendedores pagam impostos altíssimos, e muitos não estão conseguindo manter seus negócios. Mas resistem o quanto possam suportar, pois essas mudanças parecem ter acendido uma esperança da qual não podem mais abrir mão.

A cidade de Havana tem muitos encantos. A arquitetura, eclética, parada no tempo, cheia das marcas dos anos, compõe um ambiente fascinante com o movimento dos carros americanos dos anos cinquenta. A cidade é segura, o que sempre encanta brasileiros submetidos a décadas de violência urbana. Mas existe uma tensão permanente, uma atmosfera densa, as ruas são intensamente vigiadas por câmeras e olheiros, os prédios de habitação coletiva são escandalosamente precários, e as maçanetas de fios desencapados expostas nas fachadas e nas escadarias são assustadoras. Dentro, os lares. Milagre cubano.

É preciso ter a alma nua para andar por Havana, deve-se olhá-la com humildade e simplicidade, abrir-se para suas cenas cotidianas, que se descortinam a cada esquina, a cada porta, a cada janela. Os cubanos vivem na rua, adoram ser fotografados e suas crianças são adoráveis com seus brinquedos caseiros, aqueles que nossos avós faziam para os nossos pais.

O povo é, sem dúvida, a grande riqueza de Cuba. Parti já decidida a voltar, para entender melhor os cubanos e sua ilha, e vibrar ainda mais fundo na sua frequência. Na mala, em vez de charutos e rum, trouxe a imagem dos velhinhos de Cuba, e um desejo imenso, dolorido, de que um dia seus filhos possam realizar as suas escolhas.”

Betina Tabajaski



Fotos Arcilda Zimmermann



Depoimento de Lisandre Rockenbach

“Morre lentamente quem não muda de marca, não se arrisca a vestir uma nova cor ou não conversa com quem não conhece”, Pablo Neruda.

Acredito que nenhum dos que foram a Cuba com a Câmera Viajante esteja morrendo lentamente. Não é possível ir àquele país sem mudar a marca, sem vestir uma nova cor (quem resistiu ao colorido cubano?) e sem conversar com quem não conhece (passamos 10 dias fazendo isto).

Cuba me embaralhou as ideias. Nunca tive vontade de conhecê-la, pois já conhecia grande parte do Caribe. Calor, umidade e sol já não me atraíam. De repente um grupo de fotógrafos! Um desafio! Uma visita não planejada! E lá fui eu, sempre pronta a vivenciar algo para poder falar através de minhas experiências e não por leituras ou narrativas de outros. Me entreguei a esta ex-

periência com um novo olhar e uma oportunidade de um novo sentir. Me entreguei a um calor que detesto, a uma umidade que lavou não só o corpo como toda a noção preconcebida daquilo que eu pensava que iria encontrar. E, quebrei a cara! Me emocionei diante da grandeza do espírito humano, de um povo que mesmo vendo sua infraestrutura ruindo aos poucos continuou com sua alegria e vontade de viver e, mesmo sendo tão pobre economicamente, manteve uma cultura rica e fascinante.

Muitos relatos de cubanos são de seus sonhos não realizados e percebe-se até uma certa passividade e apatia no seu dia-a-dia. Mas, junto com isto, o que se nota é uma espécie de renascimento. Pode ser que o empreendedorismo tenha ficado adormecido e aprisionado por algum tempo, mas não desaparecido por completo. Aos poucos, historiadores cubanos como Eusébio Leal resgatam o patrimônio

histórico dilapidado e transformam ruínas em joias da arquitetura que um dia existiu na “Pérola do Caribe”. E pessoas comuns usando sua criatividade e versatilidade (quem mais consegue manter um carro dos anos 40 rodando e com muito charme?) fazem surgir aqui e ali pequenos negócios que os libertam da escravidão a uma ração mensal muitas vezes não recebida.

Voltei com a convicção de que precisamos de algo novo. Revolucionário! Nada do capitalismo desenfreado e desperdiçado e da violência com a qual convivemos. Em Cuba, ela parece não existir. Mas nada da esmola proporcionada por regimes que mal permitem a sobrevivência, e que deixam muito pouco espaço para os sonhos e suas realizações. Foi necessário sair da exploração interna e externa em que viviam, mas agora é chegada a hora das pessoas usufruírem de sua educação, de seus cursos universitários, de seus talentos individuais

Ethel Kawa



KarlaNyland



para criarem vidas mais dignas e um pouco melhores de serem vividas.

Cuba é paradoxal, mas nossa vivência atual também é. Nossas crianças têm mais videogames, mas as cubanas parecem ter mais infância e mais criatividade nas brincadeiras e brinquedos feitos por eles. Temos internet mais rápida e maior comunicação virtual, mas o contato social deles é maior. Na nossa sociedade capitalista o tempo é dinheiro, na deles o tempo é gasto batendo papo com os amigos e vizinhos, sentados a uma porta, janela ou sacada, vendo a vida passar. Nós temos mais dinheiro, gastamos mais em compras, mas também produzimos mais lixo e poluímos, desastrosamente, nossas cidades.

Escrevo isto em homenagem a uma senhora de 87 anos que conheci em Cuba e que me comoveu profundamente. Ela era digna, forte, batalhadora. Não pediu esmolas, nem mesmo um desejado sabonete como as muitas e muitas pessoas que encontramos nas ruas de Havana. Voltei ao lugar onde ela morava para usufruir mais de sua sabedoria, mas não a encontrei. Ficou dentro de mim a vontade de ser um pouco mais como ela, de continuar vivendo a minha vida com valores há muito adquiridos, mesmo que para muitos eles possam parecer ultrapassados.

Deixo as fotos do criativo, versátil e sensível grupo da Câmera Viajante, liderado pela Karla e pelo Rogério, revelar um pouco da beleza cubana, o colorido da sua alma, sua musicalidade e sua grande sensualidade.”



Gelson Rocha

Depoimento de Regina Dalle Grave

“Os sentimentos foram vários em Cuba. Confesso que sabia muito pouco sobre Cuba, talvez o que a grande maioria conhece. Mas o que senti lá, em função do que sei e vivenciei, foi algo desconcertante. Senti muita musicalidade e em alguns momentos, parecia escutar o samba brasileiro, provavelmente pelas origens africanas.

Senti um país sob o mais absoluto controle do ponto de vista de expressão de sentimentos políticos. As pessoas evitam falar sobre o assunto Cuba na presença pública. Mas, quando a conversa é mais reservada, não presenciei uma só pessoa defender os líderes políticos no poder, pelo contrário. Alguém chegou a dizer que, se Cuba tivesse fronteiras, restaria somente a família Castro.

O povo pede nas ruas coisas básicas para nós, superfluas ou não: sabonete, batom, esmalte, dinheiro e leite.

A rede elétrica na Havana velha é de assustar: fios para todo o lado. Quando estávamos lá, houve um incêndio no centro da cidade e, como consequência, ficaram sem luz por quatro dias, a 36°C. Segundo algumas informações locais, em Santiago de Cuba o povo estava sem fornecimento de sabão ou sabonete a mais de um mês.

A cidade velha tem uma arquitetura linda, mas está em frangalhos. Já se vê alguns prédios sendo revitalizados, dizem que com verba do turismo e por iniciativa daqueles mais abastados, porque eles existem, é claro. Os prédios oficiais são os mais bem conservados e até mesmo exuberantes, se comparados aos demais.

Voltando ao povo, não sei por quanto tempo vai suportar, sem chiar, colocando o medo de lado. Acho mesmo difícil para aqueles que viveram a revolução, verem seu país como está e admitirem que algo comprometeu os objetivos pretendidos.”



Lidia Fabricio



Beth Schefer



Gisele Becker



Lilia Messias

Depoimento de João Becker

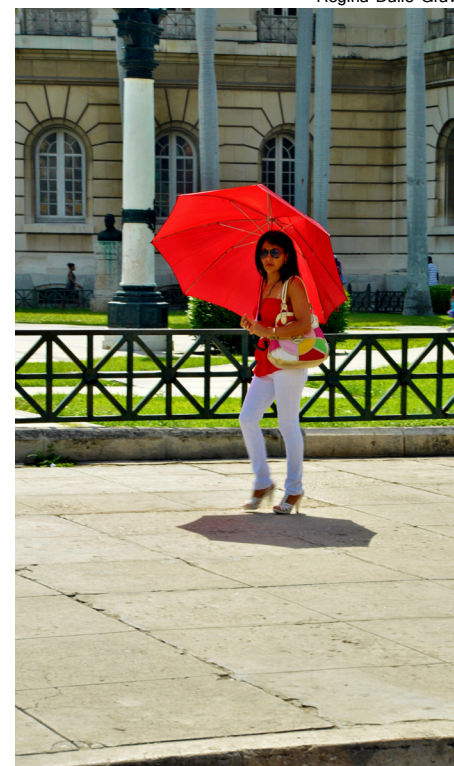
“Foi intrigante conviver com um sistema econômico onde não há opções para o consumismo. Onde as relações pessoais ainda têm um valor social grande e do qual nós nos afastamos. Havana foi sem dúvida muito marcante. Havana velha e a vida possível no casario degradado. Esta viagem não pode ser resumida. Ela continuou sendo uma experiência de vida e convívio mesmo após o retorno.”

Depoimento de Gisele Becker

“A viagem foi muito marcante pela maneira das pessoas viverem na dificuldade e ainda assim saberem ser felizes. Surpreendi-me com a beleza e a maneira como as pessoas vivem. Uma viagem não é só turismo, a gente aprende, refletimos sobre a nossa vida e eu voltei mais reflexiva comigo mesma.”



Zeca Silva



Regina Dalle Grave



Lisandre Rockenbach



Luiz Stefani

Depoimento de Ethel Kawa

“ Para mim foi uma surpresa conhecer o sistema de Cuba, o choque do sistema econômico. Quem vai a Cuba nunca volta igual, você passa um tempo pensando sobre isso. As pessoas não estão preocupadas em ter uma calça colorida, por exemplo, estão preocupadas em ter uma calça para usar e ponto.

Depoimento de Beth Schefer

“ Fotografei muitas pessoas nas janelas, olhando para a rua, vendo a vida passar. Essa falta de perspectiva me impactou muito.

Depoimento de Lilia Messias

“ Eu não cheguei ainda, estou lá (risos). Achei a receptividade com os brasileiros bonita, eles nos adoram. Gostei da arquitetura, adoro uma janela, uma porta quebrada e tenho vários objetivos com a viagem. Estou pintando agora a partir de uma fotografia de lá. Deu vontade de voltar. Aquilo parou no tempo e no espaço, parece que a gente volta ao passado.

Depoimento de Betina Tabajaski

“ Um país muito diferente. Sempre fiz viagens mais voltadas para o turismo e lá fui conhecer a realidade deles. Foi uma viagem muito educativa, principalmente pelo choque das pessoas não terem acesso. As crianças de Santiago de Cuba, por exemplo, nos pediam para que a gente as fotografasse e assim poderem se ver.



RAR



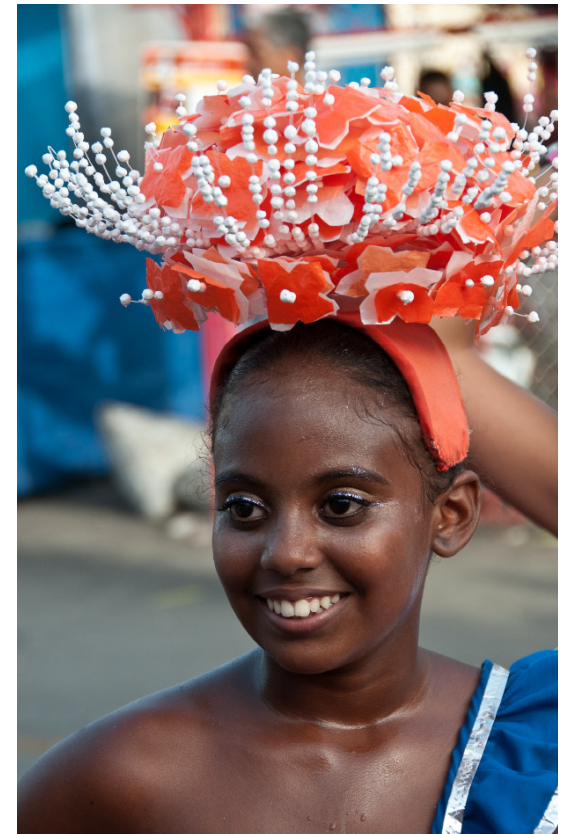
Conceição Mondini



Paulo Meilo

João Becker

Vera Ambrozi



A viagem para Cuba aconteceu entre os dias 17 e 28 de julho de 2012

Exposição De Punta ao Xingó

Hilton Lebarbenchon



A Câmera Viajante - Escola de Fotografia e Cinema exhibe até 30 de novembro a exposição fotográfica "De Punta ao Xingó", do fotógrafo Hilton Lebarbenchon. A mostra reúne 86 imagens distribuídas entre 20 painéis fotográficos. Cada painel aborda um ambiente ou localidade existente desde a Foz do Rio da Prata, na região de Punta del Este, no Uruguai, até chegar ao interior do Sertão do Rio São Francisco entre Sergipe e Alagoas, na região do Cânion do Xingó. O tema principal é o meio ambiente ora preservado, ora alterado pelo homem.

Entre os ambientes fotografados estão o maior sistema de praias arenosas do mundo, situado no litoral do Rio Grande do Sul, e a quase desconhecida Ilha dos Lobos de Laguna, em Santa Catarina, onde foi registrada a presença de ninhal de gaivotas e de lobos marinhos. Alguns painéis são comparativos entre localidades distantes neste trajeto mas com alguma coisa em comum, como o painel com fotos das descoladas Punta del Diablo, no Uruguai, onde pessoas

curtem o pôr do Sol, e Trindade, em Paraty, litoral do Estado do Rio de Janeiro, onde o amanhecer é quase um ritual. Tem o painel comparativo entre fotos do Cânion do Xingó, no Sertão Nordestino, e fotos dos Cânions Itaimbezinho e Fortaleza, já no Planalto Serrano gaúcho. Os painéis abordam também o ambiente urbano alterado pelo homem, onde os

animais tentam a se adaptar a ele, ou onde a intervenção humana se integrou de tal maneira à natureza que criou cenários de rara beleza, como nas cidades do Rio de Janeiro e de Punta del Este.

A mostra é aberta ao público e pode ser visitada de terças a sextas-feiras, das 11h às 19h e aos sábados das 11h às 17h.

Mulheres do Centro Histórico

A exposição fotográfica "Mulheres do Centro Histórico", reunindo imagens de personalidades que atuam em diferentes setores na área central da Capital acontece até o dia 9 de novembro, das 8h às 18h, no Palácio Piratini.

A mostra apresenta obras de 16 profissionais que clicaram 35 mulheres e soma-se ao esforço de revitalização do centro histórico, em uma promoção do Gabinete da primeira dama do Estado do Rio Grande do Sul, a partir de iniciativa da Associação de Amigos do Centro Histórico. A exposição também faz parte das ações destinadas a ampliar o acesso



público ao Palácio Piratini, prédio de relevância histórica e dotado de importante acervo de obras artísticas.

Lisette Guerra, Liane Neves, Ricardo Chaves, Eurico Salis, Gilberto Perin, Dulce Helfer, Adriana Franciosi, Fernanda Chemale, Sandra Genro, Karla Nyland, Rogério Amaral Ribeiro

estão entre os autores que clicaram personalidades como Eva Sopher, Liana Timm, as primeira-damas Sandra Genro e Regina Becker, Isabella Fogaça, Ingra Liberato, Rita Chang, Suzana Vellinho, Liana Timm, Maria

Thereza Druck Bastide, Carmen Ferrão e a jornalista Célia Ribeiro.

Mostra Umbu

A exposição e instalação "Umbu", realizada pelos fotógrafos Tadeu Vilani e Jorge Aguiar, em parceria com a Câmera Viajante - Escola de Fotografia e Cinema, percorreu mais um espaço de Porto Alegre em outubro. As imagens foram expostas no saguão do Aeroporto Internacional Salgado Filho e atraíram olhares atentos e curiosos dos passageiros e funcionários.

A mostra fotográfica Umbu é fruto de um trabalho realizado com moradores do bairro de mesmo nome, de Alvorada. O ensaio mostra retratos da vida dos mais de 20 mil habitantes da localidade.



Fotos Tiemy Saito | Modelo Pâmela Spessato



Novas camisetas Câmera Viajante - o prazer em fotografar
Adquira a sua na escola

Imagens nos extremos

A captura de esportes radicais requer equipamentos adequados e muito preparo físico e psicológico

Fotos Rafael Moreira



Fotografar esportes radicais requer conhecimento do equipamento. Em locais distantes procurar auxílio técnico é praticamente impossível

O fotógrafo, cinegrafista e diretor de televisão Rafael Moreira é um dos especialistas brasileiros na captura de imagens de esportes radicais. Há mais de 20 anos trabalhando na área, o profissional perdeu a conta de quantos países já conheceu. A rotina de aventuras o auxiliou na criação de mecanismos próprios para proteger seus equipamentos, expostos a intempéries do tempo e a locais extremos, com neve, água ou areia. Moreira realizou trabalho para veículos diversos, como o Esporte Espetacular da Rede Globo. Nes-

ta entrevista à **Viajantes da Câmera – Imagem em Revista** ele relata um pouco dessa experiência.

Viajantes da Câmera – Como é a tua rotina de trabalho?

Rafael Moreira – Depende bastante de qual trabalho vou realizar. Às vezes realizo sozinho ou com uma grande equipe. Geralmente trabalho para televisões que querem fazer programas especiais e tudo depende do serviço que é contratado. É bastante variado.

Viajantes da Câmera – Quais as dificuldades que enfrentas?

Rafael Moreira – São várias e as dificuldades que surgem nas pessoas são geralmente psicológicas. Quando fiz o filme Extremo Sul (filme brasileiro de 2005, que relata a história de cinco alpinistas que acampam no sul da Terra do Fogo e enfrentam frio, chuva, neve e ventos fortes para escalar o Monte Sarmiento) vi muitas pessoas não aguentando aquele clima, aquelas condições e eu aguentei. Então é mais uma questão psicológica.

Viajantes da Câmera – Quais os locais que mais te impressionaram e quantos países você já conheceu?

Rafael Moreira – Os dois extremos do mundo. Eles são muito semelhantes e impressionantes. O Estreito de

Magalhães (localizado no extremo sul da Patagônia, no Chile) é um local muito próximo para nós e não conhecemos. Outro lugar impressionante são as Ilhas Maiorca, na Espanha. Nunca parei para contar no Mapa Mundi e não é uma arrogância, mas eu realmente teria que contar.

Viajantes da Câmera – Qual a principal dica para quem pretende trabalhar com a captação de imagens de esportes radicais?

Rafael Moreira – Para fazer uma boa imagem tem que estar exposto e isso não é nada camarada com o equipamento. Então tem que conhecer o equipamento que utiliza, tem que saber consertar. Porque no momento em

que tu está longe não tem como voltar e mandar arrumar. Pode colocar todo um trabalho em risco pelo descuido. Eu já trabalhei com condições ideais, equipamentos específicos, mas já tive que me adaptar também. E muita coisa que uso hoje, muitas proteções, fui eu mesmo que inventei para tornar o meu trabalho mais ágil e captar as imagens.

Viajantes da Câmera – Como você vê o mercado para este tipo de trabalho?

Rafael Moreira – Vem muito trabalho por aí. Com a implantação da lei que prevê um percentual de programação nas televisões a cabo de programação nacional, muitos trabalhos estão surgindo nesta área.



A resistência física e psicológica são dois desafios para os profissionais que enfrentam jornadas em locais distantes e ermos nos extremos

Novembro

A partir de

15 **Fotocasamento**
Com Bruno Gomes

19 **Saídas de Impressão**
Com Luís Taboada

20 **Iluminação em estúdio**
Com Rogério do Amaral Ribeiro

20 **Photoshop 2 para fotógrafos**
Com Edgar Neumann

30 **Fotografia de Espetáculos**
Com Fernanda Chemale

Dezembro

A partir de

8 **Fotografia Sensual**
Com Edgar Neumann

Palestras e Sarau

5 de Novembro | Fotografia de Alta Velocidade com José Adilson da Rosa

12 de Novembro | Zé Paiva lança livro "Expedição Natureza - Tocantins"

Turismo Fotográfico

8/12 Lúdicas luzes noturnas



A beleza do Natal Luz, em Gramado

19 jan/2013

Mundo Vertical - Foto Rapel e turismo fotográfico



Foto Orlei JR

Parceria Soul Traveler
set/2013 Leste Europeu



Berlim, Varsóvia, Budapeste, Bratislava, Viena, Praga, Cracóvia e Dresde

Informações e inscrições www.cameraviajante.com.br

Fotografia PROFISSIONAL

Intensivo de verão - noite

Inicia dia 07/01/2013

Turmas pequenas com até 16 alunos

Inscrições abertas



Mais de 120 alunos já formados

Curso de Fotografia: ênfase em fotografia de pessoas (estúdio e externa), eventos sociais, produtos e pós produção (tratamento de imagem e impressão)

Estúdio e salas de aula climatizados

Informações: (51) 3012-0421 / 3061-2898 / 8584-9034

vijante@cameraviajante.com.br

www.cameraviajante.com.br

8, 9 e 13 de DEZEMBRO

Workshop

Fotografia Sensual

Luz, sombra e formas

Ministrante fotógrafo **Edgar Neumann**
Prática com modelo

Informações: (51) 3012-0421 / 3061-2898 / 8584-9034
ou www.cameraviajante.com.br

15, 16 e 17 de NOVEMBRO

Workshop

A arte na Fotografia de Casamentos

Ministrante fotógrafo **Bruno Gomes**

Modelos: Bianca Markus e
João Cláudio von Frankenberg

